## Um dia de cancelado outro de cancelador: reflexões sobre a cultura do cancelamento.

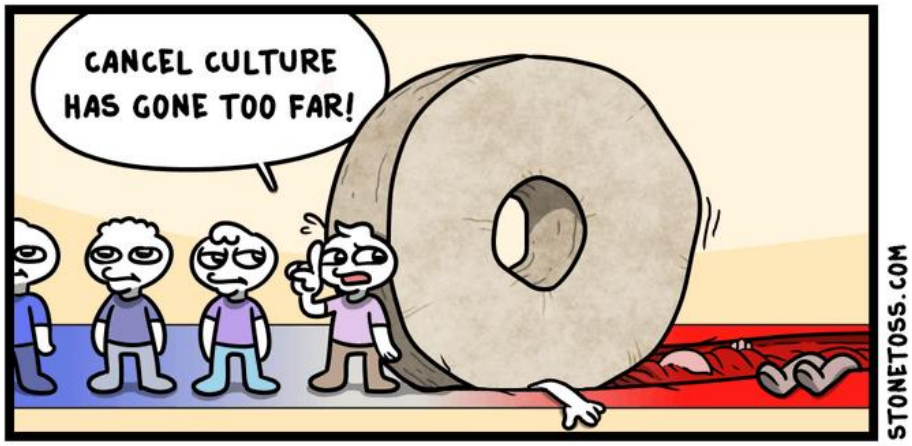
"Hoje eu vou xingar muito no Twitter". Quem aí não lembra do famoso meme de 2010 dos fãs da banda Restart que dividiram a angústia com o Brasil? Uma puta falta de sacanagem, ou não, fato é que a internet sempre foi lugar de compartilhamento de ideias, sentimentos e criação de laços e interação. As redes e plataformas, cada uma com sua dinâmica e lógica algorítmica, possibilitam que pessoas comuns encontrem um lugar ~~ao sol~~ nas telas para se expressarem publicamente e se fazerem ver e ouvir. Basta um tweet *hitado,* uma foto ou vídeo viral ou um conteúdo hiper compartilhado para que o usuário anônimo seja visto e ganhe destaque. Quando o conteúdo é aprovado pela maioria e cai nas graças do público, tudo vira flores. Mas quando não é... o cidadão (até mesmo os engenheiros civis formados) corre o risco de ser cancelado.

A cultura do cancelamento digital, com essa nomenclatura, é um fenômeno relativamente novo e nos últimos meses tem sido pauta de discussão em todo o mundo. Aqui no Brasil com o cancelamento da influencer Gabriela Pugliesi e a reativação da conta dela no *Instagram,* no dia 20 de Julho, o debate foi intensificado.

### Mas afinal, a cultura do cancelamento é um sinal de que não sabemos mais dialogar e temos tolerância zero? Ou é a inversão da pirâmide de influência e a chance de pessoas comuns cancelarem e se fazerem ouvir?

Em sintonia com o dilema sobre o significado da cultura do cancelamento, André Carvalhal publicou no Instagram, no dia 21 de Julho, um post perguntando quem gostaria de cancelar a cultura do cancelamento e promoveu uma *live* debatendo o tema. Um dos argumentos discutidos foi de que seria mais fácil para quem já tem voz querer abolir a cultura do cancelamento.

O professor André Lemos também publicou um vídeo no IGTV com algumas reflexões e, para ele, a cultura do cancelamento não é nova. A novidade seria apenas a expressão e amplificação no universo digital. Os regimes ditatoriais, por exemplo, ou o racismo estrutural na sociedade em que vivemos já estariam cancelando pessoas e pensamentos há anos. A cultura do cancelamento na forma atual apenas daria forma e possibilidade de cancelar para pessoas que nunca tiveram essa opção.




Num outro viés, Ayishat Akanbi discorre no vídeo do Double Down News sobre a complexidade do movimento. Rotular ações como boas ou ruins seria complicado porque esquecemos como seria fácil para nós, seres humanos, nos tornamos aqueles que abominamos. O ato de cancelar e participar do linchamento seria, de uma certa forma, assumir que o outro não pode mudar. E assim estaríamos perdendo, como pessoas, em evolução e empatia.

*"We undermine how easy it is for us to become the people that we dislike".*

A reportagem da revista The Atlantic traz ainda um outro ponto para o debate: a influência do capitalismo na cultura do cancelamento. A argumentação principal é que todos devem estar cientes dos incentivos e impactos econômicos, assim como das consequências da velocidade das redes sociais, mesmo sem a apuração de fatos básicos. Um exemplo foi o aumento da venda do livro 'White Fragility' após os protestos com a morte de George Floyd. Ironicamente, a reportagem cita que a maior resposta do público americano ao movimento 'Black Lives Matter' foi o aumento das vendas de um livro "escrito por uma  branca, para incentivar a pessoas brancas a pensarem como é ser branca".

Outro exemplo citado pela The Atlantic como impacto econômico da cultura do cancelamento, e também discorrido pela reportagem da BBC, foi o caso da demissão do americano Emannuel Cafferty, cancelado no Twitter por ter sido exposto fazendo um sinal associado ao racismo. O

alcance de seu cancelamento foi tão grande que Emannuel foi demitido antes de chegar à empresa. Posteriormente, o autor da foto-denúncia afirmou que poderia ter confundido o gesto.

*Teria a empresa demitido Emannuel por realmente não tolerar atos racistas? Ou foi apenas por medo de ser cancelada também?*

Nos Estados Unidos, após a repercussão deste caso, debates em torno dos questionamentos sobre a possibilidade de que injustiças sejam cometidas com a cultura do cancelamento têm sido recorrentes. Também ao encontro das críticas ao movimento, o manifesto contra a cultura do cancelamento assinado por diversos intelectuais como J.K. Rowling e Margaret Atwood alegou que "a cultura do cancelamento refletiria a 'intolerância' do ativismo progressista no debate público". As reações ao manifesto foram bastante incisivas e, claro, diversos intelectuais que assinaram a carta foram imediatamente cancelados. Alguns se retrataram, voltaram atrás e outros reafirmam a posição, como apontado nessa notícia publicada no El País.

O Manifesto e as reações a ele culminaram num outro ponto de debate: até onde acaba a liberdade de expressão e começa a incitação ao ódio? *O tribunal da internet está passando dos limites? A cultural do cancelamento precisa acabar? Os humilhados são os novos canceladores? O cancelamento é uma forma de fazer justiça com as próprias mãos? Ou a expressão de voz de quem nunca foi ouvido?*

Antes de me arriscar a fazer algumas ponderações vou compartilhar uma história pessoal. Nas manifestações de 2013 no Brasil, fiz parte de um grupo de estudantes de comunicação da UFMG que se propôs a fazer uma cobertura colaborativa das manifestações em BH através do *BhNasRuas*. Umas das coisas que me marcou muito na época foi a forma como nós entendemos, na prática, a importância dos diversos contextos que levam ao protesto e o que eles significam para além deles mesmos. Lembro direitinho das conversas sobre protestos pacíficos *vs.* ação dos black blocks e sobre a forma como a mídia tradicional se referia a manifestantes agressivos como vândalos.

Num dos dias que eu estava na rua fazendo a cobertura, presenciei uma senhora mais velha, com roupas simples, por volta de 70 anos, atirar pedras na vidraça de um estabelecimento. Ela olhava

friamente, com ódio, ~~e~~ querendo fazer o máximo possível de danos. Em meio à confusão, alguém a abordou dizendo que aquele não era o "meio correto de protestar" e que, assim, ela daria motivo para a represália policial. E ela respondeu algo mais ou menos assim:

*"E eles lá precisam de motivo? A gente não tem nada, moço, a polícia sobe no morro e faz o que quer, a gente não têm direito a nada, ninguém liga e faz nada pela gente, quem sabe se quebrar alguma coisa alguém vê".*

Não por coincidência, o estabelecimento em que ela atirava ~~as~~ pedras era um banco.
Essa senhora contou ali, em poucas palavras, como ela se sentia invisível (ou cancelada) e tentava, de alguma forma, colocar pra fora, fazer justiça e se fazer ouvir. **Alguém que não viva a realidade dela pode ousar dizer que ela estava errada?**

Esse relato tem múltiplas camadas de significado, assim como a cultura do cancelamento. Mais que debater sobre a positividade ou negatividade do fenômeno, acredito que precisamos compreendê-lo como um sintoma da sociedade em que vivemos. E com isso, deixo aqui alguns pontos de reflexão:

- A cultura digital do cancelamento é um movimento de inversão e reconfiguração da pirâmide de influência e faz com que posições de privilégio se vejam com a necessidade de rever e se responsabilizar pelo comportamento: o influencer encara o cancelamento como uma barbárie, mas não pode ignorar porque depende da aprovação da audiência.

- A incitação do discurso de ódio muitas vezes acontece quando a personificação se sobrepõe ao repúdio de uma ideia ou ação.

- Como todo movimento coletivo descoordenado há a possibilidade de culminar no efeito manada interferindo no julgamento e apuração dos fatos. A dinâmica e a velocidade das redes amplificam e aceleram exponencialmente tudo isso, portanto, exige ainda mais reflexão.

- A cultura do cancelamento ainda é um processo em construção que descentraliza o poder de aprovação, mas ainda não traz soluções para uma troca de ideais e crescimento coletivo. (*Chegaremos lá?).*

Então, a cultura do cancelamento é um sinal de que não sabemos mais dialogar e temos tolerância zero? Ou é a inversão da pirâmide de influência e a chance de pessoas comuns cancelarem e se fazerem ouvir? Minha resposta seria: os dois.

Estamos num processo coletivo de aprendizado e queremos ouvir e ser vistos, mas não estamos encontrando meios saudáveis para o debate. Sou do time que acredita que somos seres em evolução e por isso a empatia é sempre necessária. (Pugliesi, por exemplo, não teria sido cancelada se tivesse sido empática). Mas isso não é motivo para querer abolir a cultura do cancelamento e, sim, para pensarmos juntos o que nos leva a cancelar com tanta facilidade e satisfação.

Ressalto aqui que crimes de intolerância como racismo, LGBTfobia e atitudes antidemocráticas precisam de apuração e punição e não há espaço para relativização.

Ainda veremos muitas contas desativadas, muita gente cancelada e muitos canceladores *lacrando* por aí, mesmo que, em alguns casos, a nota de repúdio tenha apenas esse propósito. Enquanto refletimos e buscamos respostas para evoluir seguimos nas redes desabafando no *stories*, espairecendo no Tik Tok e, claro, xingando muito no Twitter.